

Dinis Guarda

(Director da N-Magazine)

Seminário “Da Tradição à Experimentação”

MUSIC IS A MORAL LAW:
IT GIVES THE WORLD A SOUL,
WINGS TO THOUGHTS,
IMPETUS TO IMAGINATION,
AN EASING OF SORROW,
INTENSITY TO GAIETY
AND LIFE TO ALL THINGS.

Plato - 400 B.C. (from the Dialogues)

"Criar, produzir e internacionalizar arte e cultura num mundo envolvido em estranhos jogos neurológicos."

Dinis Guarda

"Like Whitman, we all contain multitudes." (Jackson Mac Low)

Os olhos do mundo estão neste momento a ter uma visão estranha em que civilização por vezes rima com estranhos e terríveis jogos neurológicos. A nossa civilização lida com o desconhecido, com a co-existência de muitas verdades/valores e como podemos comprovar, mesmo sem fazer grande esforço. Portugal por sua vez com os seus 850 anos de história anda (continua) às voltas com a sua identidade e, infelizmente, como os dados estatísticos dão a entender, com fragilidades preocupantes que têm que ser resolvidas com urgência e pragmatismo.

Vivemos num paradoxo, numa suspensão de crenças e descrenças, perdidos no meio das contradições do eu e do outro e das tentativas inócuas por parte de alguns movimentos literários e artísticos de alcançar um *nihilismo absolutista* fútil, básico e completamente infrutífero. Vivemos num mundo dividido entre o nacionalismo e a globalização, entre o poder que não se sabe já onde começa e acaba dos media, cada vez mais híbridos e fora de controle. Vivemos numa paisagem, onde a ciência e a economia se cruzam de formas cada vez mais improváveis e neste contexto as coisas podem explodir ou implodir...

Ora quando implodem, ou mesmo quando explodem as coisas ou partem, ou se integram e formam novas coisas, (como a imagem de um vulcão, com o seu magma e força destrutiva, criando uma nova ilha, ou conjunto de ilhas...).

Para mim é aqui que reside o futuro da criação, produção artística, nesta capacidade híbrida de integrar um infinito número de combinações, como num *software*, sem entrar em curto circuito ou cristalizar e ficar datado.

"I am an invisible man. No, I am not a spook like those who haunted Edgar Allan Poe; nor am I one of your Hollywood-movie ectoplasms. I am a man of substance, of flesh and bone, fibber and liquids - and I might even be said to possess a mind. I am invisible, understand, simply because people refuse to see me." Ralph Waldo Ellison, *The Invisible Man*, 1952

Somos todos o homem invisível do romance de Ralph Ellison, vivendo numa sociedade que em todas as suas áreas tem a necessidade de criar mais informação, mais *layers*, mais ligações do que a sociedade industrial precedente. Somos todos o homem invisível neste mundo de imagens em formato fotográfico. Vivemos num mundo esteticamente complexo, estimulante de uma forma crítica, quer em significado, quer na sua ambiguidade. Um mundo que põe questões difíceis e resiste a conclusões fáceis. Vivemos todos numa realidade que é um processo de mediação do individual perturbado pela impossibilidade de agir com a ternura certa do enigmático.

Somos todos o homem invisível de Ralph Ellison nas tendências de implosão que as tecnologias digitais impõem ao mundo, trazendo culturas umas para cima

de outras, deixando as coisas no limite das fronteiras do nacional, material, psicológico e tecnológico. Somos todos o homem invisível: criações híbridas e criaturas, identidades e culturas que emergem das recombinações dos nossos códigos intrínsecos: genético, atômico, numérico e digital.

Assim numa época de imagem, informação, *google* e *blogging* a melhor palavra para traduzir as características das condições do tempo presente é “Híbrido”. Vivemos numa paisagem feita de vectores e coordenadas de uma “*hibridização* neurológica”, numa atmosfera de vigilância automática e mísseis auto-comandados. Vivemos numa paisagem ambígua em que as Economias e as Políticas são híbridas. O mundo é um complexo jogo de Culturas e Identidades híbridas e os olhos e o cérebro da humanidade estão precisamente dentro desta paisagem de Criaturas e Ecologias híbridas.

Vivemos numa complexidade neurológica que atravessa a nossa maneira de pensar, uma crise de nervos. Vivemos navegando na informação, imersos num mar de imagens, sons e ruídos, e nessas circunstâncias temos de aprender a jogar o “jogo neurológico”. E aprender a jogar os “jogos neurológicos” apropriados para as necessidades da sociedade de informação global não quer dizer inventar algo completamente novo, pelo contrário, é melhor voltar a velhas teorias, filosofias e ícones com uma nova luz, expandindo aquilo que destes actualmente se pode usar melhor. É isto que defendemos, dentro destes sistemas complexos, que se tornaram em maneiras super-complexas de ver o mundo e viver nele, temos de simplificar, temos de co-existir e viver com os mais elementares princípios humanos e permanecer fieis a estes.

Assim chegados aos nossos dias a uma altura em que a ciência estuda a fusão das células animais com as células vegetais, e que a vida produzida pelo ser humano se aproxima cada vez mais de um *Zeitgeist*, importa olhar com atenção para a criação contemporânea. Vivemos numa complexa “Civilization of images”, ou se quisermos, uma “Civilization of clichés” e a verdade é que temos um estilo de vida ao mesmo tempo aliciante apaixonante e ao mesmo tempo perverso, paradoxal e frenético. Desde o século XX que andamos um pouco perdidos numa obsessão por uma modernidade absoluta (construída em parte a partir da herança modernista) que no seu ritmo e velocidade, cada vez mais esquizofrénica, nos tem levado a um estado de total paralisia e, por vezes, banalidade.

Se o estilo de vida no início do século XX foi o de uma viagem no tempo a grande velocidade, com uma sensibilidade à flor da pele, com duas grandes guerras mundiais à mistura e outras guerras mediáticas e polémicas como a guerra do Vietname, quais serão as premissas para o século XXI? Continuamos parcialmente envolvidos nas mesmas problemáticas que deram origem aos movimentos literários que atravessaram o século XX, a maior parte destes, repetindo fórmulas “ e quase sempre a tentarem retratar a sensação de como que andar sobre uma corda, suspensa entre dois arranha céus, tentando não perder o pé. Os nossos espaços são desconexos e andamos um pouco às aranhas, tentando perceber qual o nosso lugar nestes desencontros da vida. Os

espaços não nos parecem reais, porque ao visitarmos Paris, Berlim ou mesmo o grande Canyon temos a sensação de que já lá estivemos, de que nada é novo, ou de que sempre lá estivemos, nem que tenha sido numa viagem através dessa outra forma de transporte que são as imagens fotográficas, televisivas ou cinematográficas. É neste contexto que os criadores contemporâneos nos ajudam a reler o mundo em que vivemos pelo empenhamento que dedicaram ao mundo em que viviam através do seu trabalho artístico.

O termo Moderno vem da palavra latina “modo” que tem o significado de “mesmo agora”. Ora há quanto tempo vivemos a modernidade, o mesmo agora que determina os “Modos/Modas” da vida? Estamos à beira de um mundo em profunda mudança, mas uma mudança que já se opera há milhares de anos, e mantemo-nos eternamente obcecados pelo “opus Modernum”, uma expressão que vem dos romanos... há mais de 2 milénios. E o modernismo iniciado por Pound continua bem presente na literatura e nas artes nas atitudes e maneirismos...

“Museums are the family sepulchres of works of art (Theodor W. Adorno)”.

A literatura e as artes não podem ser um trabalho de retirar escalpes do grande sepulcro da memória. Nesta paisagem por mais que se ponha em questão o “POST MODERNUM”, aquilo que continua a operar modificações na produção da literatura contemporânea são as premissas modernistas, com as brilhantes modificações da linguagem, dos ritmos e numa direcção a um modo de escrita mais abstracto... que de um modo ou outro ainda continuam presentes na literatura contemporânea e nas suas obsessões. Neste preciso contexto volto a recordar o que me interessa em na literatura e as artes. Interessa-me e apaixona-me a capacidade de cada criador para afirmar a sua voz numa postura total, com uma poesia quase a sair de um vulcão. Por um lado, a literatura e as artes, com uma vontade inflexível de cantar a modernidade e de lutar contra formalismos estéreis e também com uma coragem absoluta para tentar cantar o homem do século XX, numa humanidade à deriva no sepulcro dos fragmentos por si criados, onde um homem que não cede ao fácil, numa poesia que segue a viagem humana, qual Ulisses, numa perspectiva histórica, nunca perdendo de vista o peso da memória, essas lembranças dos mitos criadores... Por outro lado interessa-me a literatura e as artes pela sua capacidade para aprofundar, a psique e os pesadelos do século XXI. Estes são os dilemas com os quais o ser humano vive, numa paisagem cada vez mais urbanizada e em constante fluxo, uma paisagem que nos remete para o vazio e nos deixa a sós com os nossos fantasmas e esqueletos nos armários. A literatura e as artes nunca tiveram medo de os enfrentar e a sua poesia tem uma energia profética precisamente por isso, por essa vitalidade e honestidade de alguém que mesmo “beaten” tem coragem para enfrentar o mundo e a si próprio e aos seus enigmas com a sua voz poética.

São estas capacidade peculiares que nestes tempos da KRISIS, a tal deusa grega que cortava cabeças, ou nos tempos de vacas gordas e de boom tecnológico, que urge ouvir com atenção. Pois é aí que está a força literária que imana das grande obras universais: a capacidade de gerar desde a acção até à reacção.

O papel de um criador é como que um coleccionador de “*Glass menagerie*”, como faziam as frágeis e profundamente humanas personagens da peça de Tennessee Williams. Tem de saber coleccionar os seus destroços através da luz do seu tempo no meio do sepulcro das ruínas da memória e do seu excesso, mas tem de ter paixão para cantar o mundo que o rodeia, seja com o seu lirismo, seja com a sua raiva ou ironia, porém com coragem para enfrentar o *pathos* da existência.

“junkspace’s iconography... 13% roman, 8% Bauhaus, 7% Disney (neck to neck), 3% Art Nouveau, followed closely by Mayan...” (Rem Koolhaas)

Vivemos num paradoxo, numa suspensão de crenças e descrenças, perdidos no meio das contradições do eu e do outro e das tentativas inócuas por parte de alguns movimentos literários e artísticos de alcançar um *nihilismo absolutista* fútil, básico e completamente infrutífero. Vivemos num mundo dividido entre o nacionalismo e a globalização, entre o poder que não se sabe já onde começa e acaba dos media, cada vez mais híbridos e fora de controle. Vivemos numa paisagem, onde a ciência e a economia se cruzam de formas cada vez mais improváveis e neste contexto as coisas podem explodir ou implodir...

“They are the most successful plant species on Earth and they want more. Beautiful, seductive and persistent, orchids have only one aim: rule the planet.” (Henry Oakley)

Ora quando implodem, ou mesmo quando explodem as coisas ou partem, ou se integram e formam novas coisas, (como a imagem de um vulcão, com o seu magma e força destrutiva, criando uma nova ilha, ou conjunto de ilhas...). Podem-se recombinar múltiplas formas de influências, como certas flores híbridas, por exemplo as orquídeas, que são uma das espécies que melhor se conseguiram adaptar nos últimos milhares de anos da evolução da natureza...

Para mim é aqui que reside o futuro da literatura e das artes, nesta capacidade híbrida de integrar um infinito número de combinações, como num *software*, sem entrar em curto circuito ou cristalizar e ficar datado. Os criadores de literatura e das as artes foram exímios nestas técnicas, mesmo com os seus excessos (e foram muitos como rezam as lendas). Cada um foi mestre neste processo de trabalho de integração da memória com o objectivo de reanimar a criação e a linguagem da literatura e das artes.

EPÍLOGO

o poeta dá por si a caminhar com catedrais nos passos,
a ser o sol que pousa nas fachadas dos edifícios

::

o poeta percebe que não serviu de nada construir todos os impérios
debaixo de 100 biliões de estrelas
neste curto circuito interior de dramas insolúveis,
paixões arrebatadoras
e excesso de memória e instabilidade económica

::

o poeta está imerso nesta bíblia desfeita,
está perdido neste grande casarão de hearst
enquanto produz teoria da vida / a decisão sobre o rumo das coisas;

(em jerusalém para além da população da cidade
encontra-se uma população feita de espectros
em cada pedra do muro das lamentações,

todo um mundo nesta ideia de uma nova lorque *nine eleven* do incorporal
que se encontra nessa maioria
representada num caleidoscópio de imagens de
habitações com portas arrombadas.)

o poeta dá por si esgotado de todas as qualidades,
preso no sóbrio sereno sorriso de
uma deusa vestida com um smoking de seda,
caminhando meticulosamente
pelas escadas de um palácio imaterial em los angeles, hollywood:

o poeta percorre esta geometria de meigo ouro do estilo dos dias
com uns olhos e uns lábios que são uma viagem
irrequieta e calma ao fundo das entranhas das cidades submarinas do sonho
em las vegas, tokyo, ou lagos, nigeria

... o confuso mármore em bruto, quase plasticina, dos céus plásticos

onde se escondem, atingindo a disciplina e o controlo de si próprios,
só no universo visível, mais de 100 biliões de galáxias

o poeta persiste no desejo de viajar na decisão de como viver aconchegado no
regaço de uma rosa, completamente abandonado nessa terrível vulnerabilidade
da
morte

.

eis a suave rotação do céu, escrito a uma disciplina férrea

- silêncio

!

ninguém está verdadeiramente só

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS

Charles Bernstein, Introduction to Ezra Pound, from *Poetry Speaks*, ed. Elise Paschen, Rebekah Presson Mosby (Sourcebooks, 2001)

James E. B. Breslin, Essay on "Howl, reprinted from the book, **From Modern To Contemporary: American Poetry 1945-1965**, by James E. Breslin published by the University of Chicago Press, 1983, 1994

Clive Wilmer, Pound's Life and Career, *The Oxford Companion to Twentieth-century Poetry in English*, Oxford University Press.

Jackson Mac Low, tarmac@PIPELINE.COM, Subject: Pound etc., to: Multiple recipients of list Poetics, (POETICS@UBVM.CC.BUFFALO.EDU)

Mário Vítor Bastos, **Ekphrasis, mito e ironia no modernismo anglófono**, Faculdade de Letras Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003

Robert Pinsky, **The situation of Poetry**, Princeton University Press, 1976

António Botelho de Amaral, **Ezra Pound: Escrita Inovadora em <<The Cantos>>**, Edições Cosmos, Lisboa, 1998

Henry Oakley, Unknown pleasures, in **Mined field**, Issue 1, Tank Publication, London, 2001

Rem Koolhaas, in **Content**, Taschen, Koln, 2004

Vindeirinho, **Life Style Krisis**, N_books, Lisboa, 2005